

ATUAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO NA PREVENÇÃO DA MASTITE EM GADO LEITEIRO

Igor Thiago de Abreu Rezende

Graduando em Medicina Veterinária,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Lucas Henrique dos Santos Pereira Amaro

Graduando em Medicina Veterinária,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Cláudia Gabriela Lima Mancini

Médica Veterinária – Universidade Brasil;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Samara Arão Camargo

Médica Veterinária – FAEF;
Esp. em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais – Quallitas Pós Graduação;
Mestranda em Ciência e Tecnologia Animal – UNESP;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Maria Francisca Neves

Doutora em Medicina Veterinária (Patologia Veterinária) – UNESP;
Pós-doutorado em Parasitologia Humana – UNICAMP;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

O presente artigo visa discutir sobre a mastite mamaria em gado leiteiro, no qual buscamos o entendimento para controlar e combater o mesmo, pois, observamos que em várias regiões os casos de mastite estão aumentando gradativamente, já em outros territórios não há indício nenhum da doença. Assim, pretendemos compreender a importância das vacinas, da higiene e de testes frequentes nos animais, são fundamentais para que o produtor previna corretamente a doença e mantenha o gado saudável.

PALAVRAS-CHAVE: mastite bovina; combate; bem-estar animal.

1 INTRODUÇÃO

Para Vilera (2002), o Brasil está entre os maiores produtores de leite do mundo, na quinta posição, e esta cresce anualmente 4%, essa taxa é superior à registrada pelos países que ocupam os quatro primeiros lugares. A produção brasileira corresponde a cerca de 66% da soma da quantidade de leite produzida, pelos países que integram o MERCOSUL.

Após verificar os resultados econômicos de alguns produtos da indústria brasileira de alimentos é possível avaliar que, os produtos lácteos tiveram uma taxa de crescimento relevante tendo respectivamente 248% contra 78% de todos os

outros segmentos do agronegócio brasileiro.

Segundo Brasil (2000), os agricultores familiares são um dos principais braços na produção de leite tendo sua produção presente em 36% dos estabelecimentos classificados como economia familiar, eles também representam 52% do valor bruto de produção total, derivados do leite, dentre outros. Tal atividade é de grande importância para a região produtora, pois gera trabalho e aumenta a comercialização neste local. No entanto, os mesmos dissertam ainda que há pontos negativos, que podem prejudicar o gado de leite, a mastite (Mello et al., 1998).

Leite et al. (1976) destacam que a doença chamada mastite é inflamatória e infecciosa de grande rigorosidade, pode ser classificada como externa ou interna, doença tão severa que se não tratada pode ocasionar a perda das glândulas mamárias, isso quando externas. E quando internas dificilmente tratadas devido a seu quadro de proliferação já avançado, causando assim um problema amplo, não mais só do produtor, mas um problema de saúde pública.

Bressan (2000) diz que a doença mastite é causada por diversos fatores, neles estão inclusos o clima, ambiente que o animal vive e fatores inerentes a estes. A doença envolve diversos patógenos vem a ser caracterizado por certo processo inflamatório das mamas do animal, que etiológicamente trata-se de uma doença complexa e de caráter multifatorial.

A mastite é uma doença de grande preocupação para os proprietários de gado leiteiro, já que a mesma é de enorme danificação das glândulas mamárias do animal. Pois, além de diminuição na produção de leite e alterações das propriedades do mesmo, o animal está sujeito a nunca mais ter condições de produzir leite. Em casos mais severos, pode ocorrer o óbito do animal (COSTA, 1998).

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de mastite, a classificação da patologia, bem como das ações do médico veterinário na promoção do bem-estar e saúde do animal.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste trabalho foi revisão bibliográfica, com base em

discussões teóricas sobre o assunto, no qual analisaram-se a importância da prevenção e o controle da mastite em gado leiteiro, bem como o papel do médico veterinário na prevenção e promoção da saúde bovina.

4 CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA MASTITE

O termo mastite, derivado do grego *mastos*, glândula mamária e do sufixo *ite*, inflamação, caracteriza-se por ser um processo inflamatório da glândula mamária do animal (COSTA, 1991). Sendo em maior ou menor intensidade, é uma consequência da interação determinada por fatores relacionados ao animal e à presença de agentes patogênicos que determinam o processo inflamatório (BRITO et al., 2007).

A quase totalidade das mastites é causada por bactérias, sendo que fungos, leveduras, vírus e algas também podem estar envolvidos no processo inflamatório das glândulas mamárias nas vacas (BRITO et al., 2007).

Para Ladeira (2007), mastite é a inflamação da glândula mamária e caracterizam-se por alterações físicas, químicas, e organolépticas do leite e alterações no tecido glandular. A mastite bovina pode ser causada por agentes químicos, ou físicos, mas na maioria dos casos é causada por bactérias.

Os agentes infecciosos podem ser divididos em cinco grupos: cocos Gram positivos (*Staphylococcus* e *Streptococcus*), bastonetes Gram negativos, corinebactérias e *Corynebacterium bovis*, *Mycoplasma* e outros como *Nocardia spp*, *Prototheca spp* e leveduras (LADEIRA, 2007).

A mastite pode ser classificada em dois grupos, a clínica e a subclínica. Na mastite clínica, o animal apresenta sinais evidentes de mastite, tais como dor na glândula mamária, edema, endurecimento do úbere, temperatura aumentada do úbere (hipertermia) e/ou aparecimento de grumos e pus no leite ordenhado. A mastite subclínica é caracterizada por alterações na composição do leite, onde se destaca o aumento da contagem de células somáticas (CCS), aumento de íons cloreto (Cl^-) e sódio (Na^+) e diminuição da concentração de caseína, gordura, sólidos totais e lactose do leite (BRITO et al., 2007).

Segundo Ladeira (2007), do ponto de vista clínico, as mastites podem ser superagudas, agudas, subagudas ou crônicas. Na mastite clínica superaguda observam-se os sinais de inflamação, como calor, dor e endurecimento da glândula

mamária, acompanhados de sintomatologia sistêmica, como febre, depressão e anorexia. Apresenta alterações no leite com presença de grumos e ou sangue.

Vejamos cada uma das classificações com base no estudo de Ladeira (2007), (1) em casos agudos, as alterações da glândula mamária são similares, porém não ocorrem sinais sistêmicos; (2) na mastite subaguda não existem também, reações sistêmicas, as alterações da glândula são menos marcadas e há alterações persistentes na composição do leite; (3) nos casos de mastite crônica não existem sinais sistêmicos e são muito poucos os sinais externos de alterações na glândula mamária, podendo ocorrer alterações intermitentes na secreção do leite e (4) nas mastites subclínicas não se observam alterações na glândula mamária nem no leite. São diagnosticadas, por meio de cultura bacteriana ou por testes que demonstrem a alta taxa de leucócitos no leite.

Além da causa infecciosa, a mastite pode ser traumática, metabólica, fisiológica (nos primeiros dias de lactação e na interrupção da lactação) alérgica e até mesmo psicológica, decorrente, por exemplo, da retenção de leite pela fêmea zebuína ou mestiça na ausência do bezerro (COSTA, 1991).

5 A ATUAÇÃO DO MÉDICO VETERINÁRIO NA PREVENÇÃO E CONTROLE DA MASTITE

A mastite bovina é a principal doença que acomete o gado leiteiro. Por esse motivo, o seu controle, e a redução da contagem de células somáticas, são medidas necessárias, no intuito de produzir um produto de qualidade (REBHUN, 2000).

A eficiência no controle da mastite acontece se a taxa de infecção for mantida baixa ou reduzida, seja através da prevenção de novas infecções ou da eliminação das infecções pré-existentes por meio de programas de prevenção (LADEIRA, 2007)

Para Muller (2002), os produtores de leite devem adotar programas de prevenção e controle de acordo com a realidade de cada propriedade, desta maneira será possível diminuir o índice de infecção, uma vez que o objetivo dos programas de prevenção e controle da mastite é limitar a prevalência das infecções e diminuir os impactos econômicos na atividade leiteira.

O médico veterinário tem um papel relevante na sensibilização dos produtores com objetivo de promover a melhoria da qualidade do leite produzido e

na implementação de programas para atingir esse objetivo. Nesse sentido, o veterinário deve conscientizar o produtor de que o leite de qualidade funciona como um fator econômico favorável na produção (AIRES, 2010).

Segundo Aires (2010), os programas de qualidade do leite promovem benefícios para os produtores devendo ser incentivados como mais uma medida a implementar quando se fala em produzir leite com qualidade. O médico veterinário tem de assumir nestas situações um papel ativo, principalmente quando se fala na prevenção de mastites e manter um acompanhamento especializado, promovendo e transformando suas ações em benefícios para o produtor.

Os programas de controle de mastite têm como objetivo a limitação da prevalência da mastite a níveis economicamente aceitáveis dentro das circunstâncias particulares a cada propriedade. Em síntese um programa de controle de mastite deve almejar (1) redução das infecções pré-existentes (diagnóstico e tratamento precoce dos casos clínicos, tratamento de mastite subclínica na interrupção da lactação e descarte). Vacas com mais de três casos clínicos por lactação, que não respondem ao tratamento de “vaca seca”, deverão ser descartadas; (2) prevenção de novas infecções [manejo e higiene de ordenha corretos; manter úberes limpos; ordenhar tetos limpos e secos (toalhas, descartáveis); desligar o vácuo antes da remoção das teteiras; desinfecção pós-ordenha adequada (usar desinfetante recém-preparado, com correta diluição; aplicação correta, cobrindo todo o teto e todos os tetos; usar de preferência com emoliente (glicerina 5-10 %); evitar acúmulo de matéria orgânica, pois diminui o poder germicida; manutenção adequada do equipamento de ordenha; revisão periódica do equipamento, pelo menos anual, e sempre que necessário. Chamar assistência técnica sempre que as teteiras escorregarem mais que 5 vezes a cada 100 vacas. Garantir uma pulsação adequada, mantendo a fase de massagem em pelo menos 15% do ciclo de pulsação] e (3) monitoramento do nível de mastite (3.1) monitoramento dos casos de mastite clínica (através do teste do tamis ou caneca preta realizado a cada ordenha; manter o registro de todos os quartos tratados; colher amostras antes do início do tratamento e respeitar o intervalo de uso do leite do animal em tratamento); (3.2) monitoramento do nível de mastite subclínica periodicamente (manter os registros atualizados, resultados do CMT ou contagem de células; tratar no período seco, na última ordenha ao final da lactação; havendo

alta prevalência tratar mesmo em lactação) e (3.3) estabelecimento das metas (nível de mastite clínica igualou inferior a 1%; nível de mastite subclínica igualou inferior a 15%; nível de vacas recém-paridas com mastite menor que 10% e contagem celular abaixo de 250.000 células (COSTA, 1998).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aponta a mastite bovina como uma doença infecciosa comprometedora, sendo apontada como a principal doença que acomete e afeta os rebanhos leiteiros, causando graves prejuízos econômicos, tanto para o produtor de leite quanto para as indústrias. Os estudos mostram que a prevenção é a melhor solução para o controle da mastite. O alto prevalecimento da doença no gado leiteiro, e o alto custo dos tratamentos, associados aos prejuízos e perdas na produção, justificam a necessidade de instituições de programas relacionados à prevenção e controle da doença.

A mastite causa vários prejuízos que se estendem aos produtores rurais e as indústrias que utilizam o leite e seus derivados, bem como ao consumidor, podendo causar sérios problemas a saúde pela presença de microrganismos oriundos da doença devido à inflamação da glândula mamária.

A mastite bovina deve ser motivo de atenção e preocupação dos criadores de gado e dos médicos veterinários no sentido de orientar e atribuir os conhecimentos necessários relacionados à doença, com objetivo de evitar, controlar e tratar o problema evitando perdas econômicas e preservando a qualidade do leite.

Observou-se que um ponto a ser considerado crucial é a prevenção, medida na qual devem ser priorizados o manejo higienizado em todas as instalações que entram em contato com a vaca, com objetivo de eliminar os microrganismos que estejam no ambiente e no animal, e desta forma promover a produção de leite com qualidade diminuindo as perdas financeiras, bem como a perda do animal.

Ao médico veterinário cabe o papel de incentivar e ajudar durante todo o processo, não apenas como clínico, mas também como formador, atuando como multiplicador de informações no intuito de mediar e resolver o problema.

Vale mencionar que os resultados deste trabalho contribuem para um melhor entendimento do impacto da mastite, incentivando médicos veterinários e produtores rurais a promoverem ações de controle e prevenção da enfermidade. A prevenção

proporciona benefícios e maior rentabilidade na propriedade rural leiteira.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, M.; MARTINS, C. E.; VILELA, D. Sustentabilidade da pecuária de leite no Brasil. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite; Goiânia: CNPq/Serrana Nutrição Animal, 2000.

BRITO, L. G.; SALMAN, A. K. D.; GONÇALES, M. A. R.; FIGUEIRÓ, M. R. Cartilha para o produtor de leite de Rondônia. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2007.40 p. (Embrapa Rondônia. Documentos, 116).

REBHUN, W. C.; Mastite. In: Doenças do gado leiteiro. São Paulo, SP: Roca, Cap. 8, p. 339-372, 2000.

COSTA, E. O. Importância da mastite na produção leiteira do país. Revista da Educação Continuada do CRMV-SP, São Paulo, v.1, p.3-7, 1998. Disponível em file:///C:/Users/Marcelo%20professor/Downloads/3381-2966-1-SM%20(1).pdf. Acesso em 14/03/2016.

COSTA, E. O. da. Importância econômica da mastite infecciosa bovina. Revista Comunicações Científica Faculdade Medicina Veterinária Zootecnia USP, v.15, n. I, p.21-26, 1991.

FAO/INCRA. Novo retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto. Brasília, 2000. Disponível em <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/novoretratoID-3iTs4E7R59.pdf>. Acesso em: 10/03/2016.

Ladeira S. R. L. Mastite bovina. In: Riet-Correa F., Schild A.L., Lemos R.A.A. & Borges J.R.J. (Eds), Doenças de Ruminantes e Equídeos. Vol.1. 3ª ed. Editora Pallotti, Santa Maria. p. 359-370, 2007.

LEITE, R. C.; BRITO, J. R. F.; FIGUEIREDO, J. B. Alterações da glândula mamária de vacas tratadas intensivamente via mamária, com penicilina em veículo aquoso. Arq. Esc. Vet., UFMG, v. 28, p. 27-31, 1976.

MÜLLER, E. E. Qualidade do leite, células somáticas e prevenção da mastite. In: SANTOS, G. T.; JOBIM, C. C.; DAMASCENO, J. C. Sul-Leite: Simpósio sobre sustentabilidade de pecuária leiteira na região sul do Brasil, Anais. Maringá: UEM/CCA/DZO- NUPEL, p. 206-217, 2002.

MELLO, M. A. et al. Estudo da viabilidade técnico e econômico da atividade leiteira no oeste catarinense. 2002. Impresso. (Relatório de Pesquisa). Disponível em <http://www.sober.org.br/palestra/12/12O508.pdf>. Acesso em 10/03/2016.

VILELA, D. A importância econômica, social e nutricional do leite. Revista Batavo nº 111, dezembro 2001/janeiro 2002. <http://www.nupel.uem.br/importancia.pdf>. Acesso em 10/03/2016.